



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES (CLA)**  
**ESCOLA DE BELAS DE ARTES (EBA)**  
**DEPARTAMENTO DE BELAS ARTES TEATRAIS (BAT)**

**MORTE, VIDA E TRANÇAS SEVERINAS**

Leonardo Lincoln Soares Almeida

Rio de Janeiro  
2024

### CIP - Catalogação na Publicação

SS61m Soares Almeida, Leonardo Lincoln  
Morte, Vida e Tranças Severinas / Leonardo  
Lincoln Soares Almeida. -- Rio de Janeiro, 2024.  
53 f.

Orientador: Desirée Bastos.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais:  
Indumentária, 2024.

1. trança. 2. migração. 3. nordeste. 4. terra. 5.  
família. I. Bastos, Desirée, orient. II. Título.

## MORTE, VIDA E TRANÇAS SEVERINAS

Trabalho de conclusão de curso em Artes Cênicas com habilitação em Indumentária do Departamento de Belas Artes Teatrais da Escola de Belas Artes da UFRJ, apresentado pelo aluno Leonardo Lincoln Soares Almeida, DRE: 118167118, com orientação da Prof. Dra. Desirée Bastos de Almeida e defendido no dia 18 de julho de 2024

RIO DE JANEIRO

2024

## RESUMO

A partir de uma reflexão sobre o meu percurso acadêmico e do meu consequente desenvolvimento como figurinista, designer gráfico e diretor de arte, pude integrar tais disciplinas na produção do presente trabalho de conclusão de curso, abordando temas como migração, identidade e memória. Através de referências artísticas e familiares, exploro cores, formas e iconografias que rompem com estereótipos tradicionais do Nordeste brasileiro e resultam numa abordagem visual não convencional para a adaptação teatral do histórico poema "Morte e Vida Severina", escrito por João Cabral de Melo Neto em 1955.

**Palavras-chave:** trança – migração – nordeste – terra – família

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – INDUMENTÁRIA  
ATA DE DEFESA**

Nome: Leonardo Lincoln Soares Almeida

DRE: 118167118

Título do Projeto: *Morte, vida e tranças severinas*

Orientação: DESIRÉE BASTOS

A sessão pública foi iniciada às 11:00 h, realizada de modo presencial. Após a apresentação do trabalho de conclusão de curso o (a) estudante, foi arguido (a) oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerado (a): (  ) APROVADO (A) / (  ) APROVADO COM LOUVOR (  ) APROVADO (A) COM RESSALVAS / (  ) REPROVADO (A), de acordo com os seguintes critérios:

	Sim	Parcial	Não
O (A) estudante demonstra competência para expressar uma linguagem própria como artista cênico	X		
O projeto evidencia fundamentação teórica com relação ao material que lhe serviu de base e diálogo com o contexto artístico e cultural a que se vincula o projeto	X		
O (A) estudante demonstra capacidade de organização do projeto gráfico, explicitando domínio com relação a formas, volumes e texturas	X		
O (A) estudante utiliza com propriedade os meios de representação gráfica, o raciocínio espacial, a proporção, o equilíbrio e a harmonia das criações	X		
O (A) estudante demonstra capacidade para realizar a aplicação prática do projeto: confecção, adequação de materiais, orçamento, realização de protótipos e modelos	X		
O (A) estudante apresentou Memorial Descritivo	X		

Comentários: *A banca destaca a qualidade do trabalho realizado a partir de uma prática cênica, onde o estudante aplicou múltiplos conhecimentos conceituais e técnicos de maneira poética.*

Membros da Banca Examinadora

Assinatura

Desirée Bastos (orientadora)

Andrea Renck

Gilson Motta

Estudante:

Coordenador:

Documento assinado digitalmente  
ANTONIO DE SOUZA PINTO GUEDES  
Data: 14/07/2024 15:44:55-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**à memória de meus avós**

Severino Moisés Soares,  
Rita Francisca Bezerra Soares,  
Odília Francisca dos Santos Almeida  
e Joaquim Francisco de Almeida;

**à força de meus pais**

Gilvanete Rita Soares Almeida  
e Nidelço dos Santos Almeida;

**à generosidade de meus tios**

Regenilda Rita Soares,  
Gilvaneide Rita Soares,  
Amaro Moisés Soares,  
Neusa dos Santos Almeida  
e Ivanir dos Santos Almeida;

**à bondade de meus irmãos**

Helen Thais Soares Almeida,  
Leandro Henrique Soares Almeida,  
Igor Vinicius Soares Almeida,  
e João Vitor Soares Almeida;

**à posteridade de meu sobrinho**

Davi Miguel Bianchi Almeida;

**e a todos os esforços que uni**

para contornar a tentadora  
possibilidade de desistir.

*tu artista és turista  
pois tua vista  
veste a vida  
e avista a tudo  
e avista a todos  
como se avistasse  
nunca antes  
resista, invista  
mas não insista  
neste ponto idealista,  
nesta risca irrealista  
pois, por isto, tu é a isca  
e o risco de ser artista*

*é ser*

*turista.*

**Leonardo Lincoln**

Maceió, 8 de julho de 2018

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2.	A FAMÍLIA .....	15
3.	A COR .....	19
4.	A ICONOGRAFIA .....	21
5.	A FORMA.....	35
6.	O RESULTADO .....	38
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	54



## 1. INTRODUÇÃO

Devolver categoricamente a sociedade brasileira os saberes e estudos adquiridos na minha graduação no curso de Artes Cênicas com habilitação em Indumentária da Escola de Belas Artes da UFRJ não é o único intuito que me motiva na descrição desse projeto. Busco refletir sobre trajetórias e as memórias que são produzidas a partir delas.

Sou figurinista, designer gráfico e diretor de arte. Eu não era nada disso quando ingressei no curso, fui aprendendo a ser com as disciplinas e buscando utilizar essas linguagens atreladas de uma forma que pudessem falar a mesma língua do que eu e o meu projeto quisessem falar.

Luciana Maia, professora de Desenho Artístico, tinha como principal conselho em aula a célebre frase “finge que sabe e faz”. Eu fui fingindo que eu era figurinista, fingindo que eu era diretor de arte, fingindo que eu era designer gráfico, a tal ponto, que hoje me vejo me tornando tudo isso.

Dessa forma, meu trabalho de conclusão de curso não poderia ser outro se não um que busque atrelar essas linguagens: a potencialidade do design gráfico, o processo de construção de um figurino e a costura relacional da direção de arte dentro da montagem de um espetáculo. Mas como eu disse há pouco, esse projeto busca refletir sobre trajetórias, então vamos começar pelo meu.

No interior do estado de São Paulo existe Itu e no interior de Itu existe a casa de meus pais que durante os primeiros dezoito anos de minha vida foi minha também e serviu de cenografia para boa parte do início dela. Com a maioridade, vi no ingresso acadêmico a oportunidade de deixar a minha cidade e o meu estado natal e imergir em uma cultura estrangeira, desconhecida, mas igualmente sedutora.

Acabei por ingressar em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em Maceió engatilhado pela devoção nata às artes cênicas e a interdisciplinaridade característica do teatro, potente capacidade singular de formação de

cidadania, sociabilidade e memória coletiva, atributos que sempre me foram muito admiráveis.

O curso acabou não me agradando tanto, era muito licenciatura e pouco teatro, o meu objetivo de estudo inicial, e tomei a decisão de me inscrever neste curso da UFRJ onde imaginei encontrar melhores oportunidades de estudo e exercício da profissão.

Um dia antes de eu receber a notícia que havia passado na UFRJ, eu havia escrito o poema que usei como epígrafe desse documento pelo seu caráter introdutório. Ele relaciona as condições de artista com as de turista e reflete sobre a sensação de inadequação e ao apego emocional pela materialidade do que se vê pela primeira vez. Fala também sobre a característica viajante de um artista que tem como ponto de partida a sua zona de conforto e a busca pela reorganização de um mundo melhor como destino final.

No mesmo mês, estava eu fazendo mais uma mudança, recomeçando numa nova cidade, num novo estado, agora na capital fluminense. Foi um privilégio, não posso negar. Poder residir e se encontrar de uma forma mais cotidiana com culturas tão diferentes e encantadoras é totalmente engrandecedor. Mas igualmente embaraçoso observando a distância da estrutura e do apoio familiar que tanto me fizeram falta nesses anos.

A pandemia foi um momento delicado para todo o mundo e nesse trajeto acadêmico não seria diferente. Custei a decidir se ficava no Rio ou se voltava para São Paulo, se permanecia estudando uma área do conhecimento que estava sendo assolada ou se me arriscava em uma nova. Acabei decidindo aguardar as aulas presenciais voltarem para eu cursar as práticas, pois imaginava que teria um prejuízo de aprendizado se as fizesse online. Observando tudo o que eu aprendi nos últimos anos e a qualidade dos professores e colegas figurinistas, cenógrafos e diretores que acabei encontrando nessa reta final, eu me orgulho muito dessa escolha.

Um exemplo disso foram as ótimas aulas de Figurino 3 em que tive um primeiro contato com a orientação fundamental da Prof. Desirée Bastos, absorvendo várias

estratégias facilitadoras do encontro de soluções para os diversos anseios da construção vestível de uma cena.

Um outro exemplo foi quando a Prof. Sara Fagundes levou minha turma de Iluminação Cênica para acompanhar os ensaios e o resultado final da montagem de *Morte e Vida Severina* da Companhia Ensaio Aberto, com a direção de Luiz Fernando Lobo e o figurino de Beth Filipecki e Renaldo Machado. Foi a minha primeira oportunidade de conhecer os processos criativos de uma grande companhia, de um grande diretor, e de grandes figurinistas. *Morte e Vida Severina* era um texto que eu não tinha tanta familiaridade e não poderia ter sido apresentado a mim de uma forma mais feliz.

Como disse há pouco, busco refletir sobre trajetórias e as memórias que são produzidas a partir delas, e vejo que muitos desses caminhos são engatilhados por coincidências. Uma delas foi o momento em que uma amiga, Isadora Barros, estudante de Direção Teatral da Escola de Comunicação da UFRJ, relatou seu interesse em montar *Morte e Vida* numa proposta que mistura dança e teatro, convidando-me para compor sua equipe. Pelo encanto que estava adormecido em mim pelo texto e conhecendo o privilégio que é estar num mesmo processo criativo que Isadora, não poderia negar. Mas acidentalmente, acabei mergulhando nesse projeto de tal forma, que senti a necessidade de defendê-lo aqui.

O poema *Morte e Vida Severina* foi escrito por João Cabral de Melo Neto, em 1955, comunicando uma parte bruta muito objetiva: ele fala inegavelmente sobre a migração nordestina, sobre o êxodo rural, sobre a fome, sobre a seca, mas também carrega uma potente parte subjetiva que os poemas naturalmente carregam. Assim, considero muito bem-vindo o acréscimo da dança proposto por Isadora, visto que a multipotencialidade subjetiva da dança pode ajudar contundentemente a encontrar os demais lugares que o poema atinge e que talvez apenas o teatro por si só não alcance.

Logo na primeira reunião de equipe, foi proposto uma dinâmica em que todos juntos lessem o texto e fossem decupando as estrofes que mais lhe saltassem aos olhos. Eu trago aqui o trecho que decupei nesse dia e que pra mim se mostrou quase que uma prescrição do autor ao que ele esperava de mim como figurinista:

–Será de terra  
tua derradeira camisa:  
te veste, como nunca em vida.

– Será de terra  
a tua melhor camisa:  
te veste e ninguém cobiça.

– Terás de terra  
completo agora o teu fato:  
e pela primeira vez, sapato.

– Como és homem,  
a terra te dará chapéu:  
fosses mulher, xale ou véu

.– Tua roupa melhor  
será de terra e não de fazenda:  
não se rasga nem se remenda.

– Tua roupa melhor  
e te ficará bem cingida:  
como roupa feita à medida.  
(MELO NETO, João Cabral, 1955).

Desde o convite inicial, achei muito pertinente as diretrizes que Isadora Barros foi me propondo e também não obtive muita resistência às respostas criativas que foram me surgindo a partir delas. Estávamos traçando o início de um diálogo muito coerente e respeitoso.

Foram diretrizes de Isadora:

- a) Um coro homogêneo sem distinção de personagens específicos, propondo que os atores interpretem mais de um personagem e em algumas vezes o mesmo.

- b) Ressaltar a universalidade dos sentimentos evocados pelo poema em relação à característica comum humana de estar sempre em vigília por condições melhores para si e para os seus.
- c) Produzir uma imagem não convencional sobre o nordeste brasileiro para se afastar dos estigmas habituais que comumente acabam uniformizando essas populações.
- d) Focar na terra como elemento fundamental do caráter cíclico da vida: onde a vida nasce e onde se finda.
- e) Realçar a relação entre a humanidade que influencia a Terra e é diretamente influenciada por ela.

Recebi com muito carinho todas essas diretrizes, observando a tamanha pertinência delas na adaptação de um texto que fala não apenas da terra num sentido de lar, origem e destino, mas sobre o quanto as condições embaraçosas da vida de retirante diminuem consideravelmente as diferenças humanas.

*“E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia.”* (MELO NETO, João Cabral, 1955).

Lendo o poema é possível entender que qualquer um de nós pode estar sujeito a elas, visto que é descrito pelo autor o quanto esses movimentos são desencadeados por influência geoclimática em alguns casos, mas o quanto na maior parte deles ela é humana. Por fim, com isso, arrisco dizer que os estereótipos nordestinos convencionais que são comumente vistos em montagens teatrais de Morte e Vida Severina se distanciem de uma adaptação coerente do texto ao invés de se aproximar dela.

Minha primeira resposta criativa a partir disso foi pensar na cor. Veio em minha mente uma brincadeira com a palavra “terrosos” que designa os tons que se relacionam com a terra, vendo nas sílabas finais da palavra a oportunidade de buscar tons que ligassem a terra ao rosa e produzir uma imagem não convencional para a adaptação do texto.

Também pude traçar como objetivo inicial fugir da ideia comum de trabalhar figurino em dança com o uso limitado de segunda pele, visando buscar novas formas que adaptassem o texto sem prejudicar os movimentos dos atores bailarinos, e de quebra, ainda pudesse potencializá-los. Era um desafio reunir tantos desejos numa mesma proposta, mas que prontamente decidi enfrentar com doses iguais de ânimo e coragem.

Em 1965, Maria Bethânia, na interpretação da música “Carcará”, dos compositores Zé Kéti (1921-1999) e João do Vale (1934-1996) apresenta dados estatísticos sobre a migração nordestina.

*“Em 1950, mais de 2 milhões de nordestinos viviam fora dos seus estados natais. 10% da população do Ceará emigrou, 13% do Piauí, 15% da Bahia, 17% de Alagoas”.* Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=T3Dfd3KHI30>

Esses movimentos migratórios já tinha grande apelo artístico nas duas décadas anteriores, tendo sido retratados por Candido Portinari, em 1944, no quadro “Os Retirantes” e mais tarde, por João Cabral de Melo Neto, em 1955, no poema “Morte e Vida Severina”, tornando-se relevantes documentos que contribuem fundamentalmente para a compreensão da História brasileira e eternização da memória coletiva.

Esses movimentos de pessoas que deixaram suas terras natais em busca de condições melhores para suas vidas e para de suas famílias ajudou a formatar milhões das famílias brasileiras, a minha, inclusive, e é a ela que eu dedico carinhosamente o conteúdo de meu trabalho.

## 2. A FAMÍLIA

Minha mãe, Gilvanete Soares, nasceu em Bezerros, interior do estado de Pernambuco, em 1961, filha de Severino Soares e Rita Bezerra. Coincidentemente ou não, meu avô era um dos muitos Severinos lavradores que o texto aborda e junto de sua família, fizeram um trajeto muito parecido com o trajeto que é descrito pelo poema: migraram primeiramente em sentido ao litoral, a capital pernambucana de Recife, onde havia as melhores condições de vida daquela região.

**Figura 1** – Vô Severino



**Fonte:** Acervo pessoal, abril de 1988

Como filha mais velha, a viagem de minha mãe não parou ali, ela foi condicionada a deixar seus pais e irmãos e migrar para Santos, região litorânea de São Paulo, e depois para a capital paulista, onde ficou na casa de parentes que já haviam migrado anteriormente.

**Figura 2** – Mãe Dona Gil



**Fonte:** Acervo pessoal, janeiro de 1977



Ela abriu os caminhos para que meus avós e meus tios pudessem migrar anos depois, mas as complexidades dessas circunstâncias impediram que todos pudessem estar juntos novamente. A separação precoce de minha mãe do seu núcleo familiar mais íntimo mostrou-se definitiva: cada um dos irmãos foi destinado pela vida para uma cidade diferente, incutindo no coração de minha mãe um aperto crônico de preocupação e saudade.

**Figura 3, 4 e 5** – Tio Nildo, Tia Neide e Tia Nilda



**Fonte:** Acervo pessoal

Minha mãe casou-se com meu pai na capital de São Paulo e juntos se instalaram na minha cidade natal, Itu, no interior do mesmo estado, onde a família do meu pai já residia. Esta, por sua vez, teve uma história bem similar à da minha família materna: a minha avó paterna Odília, nasceu em Sergipe, e o meu avô paterno Joaquim, na Bahia. Ambos se encontraram após a migração pra São Paulo, onde tiveram meu pai e meus tios.

**Figura 6** – Vô Odília, Tio Anésio e Vô Joaquim, recém casados



**Fonte:** Acervo pessoal

A memória da trajetória da minha família foi um arquivo substancial para eu pensar sobre a materialidade que eu iria propor para adaptação do texto. São indivíduos que compartilham uma história similar com as nuances do contexto histórico particular de cada um.

### 3. A COR

A busca pelas cores observadas nesses registros fotográficos da minha família uniu-se à busca pelos tons fornecidos pela terra através do uso de tingimentos e insumos naturais que já haviam sido sugeridos pelo próprio texto. Fiz testes em algodão cru com feijão preto, repolho roxo, beterraba, colorífico, açafrão, folhas secas, chá preto e café. Também testei esses mesmos elementos em um outro tipo de tecido mais escuro que eu descolori com água sanitária, sendo apresentado com ainda mais tons.

**Figura 7 – Amostras**



**Fonte:** Acervo pessoal

Através de uma boa conversa com a orientadora, havia chegado na conclusão de trabalhar com a meia calça que se tornaria a segunda pele e base do corpo do meu figurino. Por limitação orçamentária, tive que trabalhar com a meia calça na cor preta, que não era uma cor que eu imaginava trabalhar inicialmente. Mas experimentei água sanitária e argila para alcançar tons mais próximos aos que eu desejava.

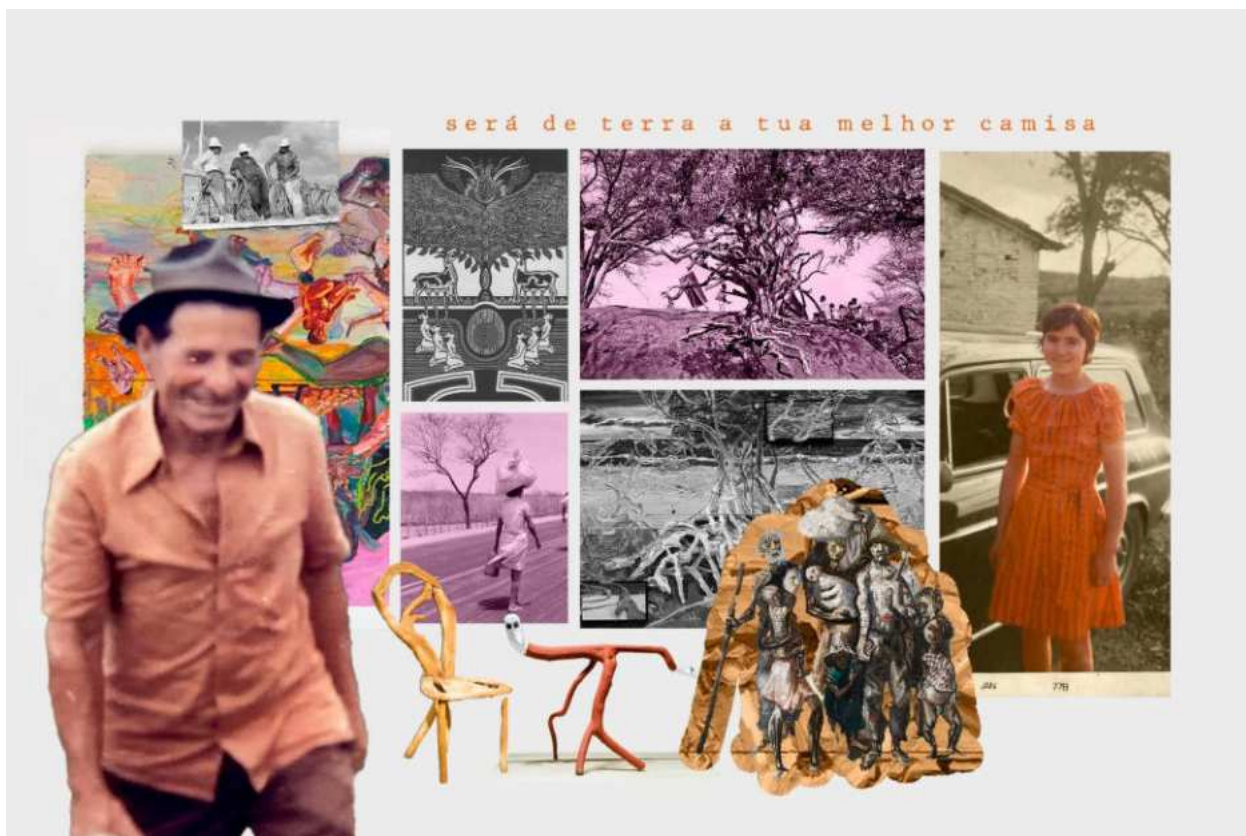
**Figura 8 – Testes**



**Fonte:** Acervo pessoal

## 4. A ICONOGRAFIA

**Figura 9:** Iconografia



**Fonte:** Compilação do autor.

Os registros fotográficos de minha família já me sugeriam o uso da silhueta da virada dos anos 50 pros 60, época de nascimento de meus pais e juventude dos meus avós. Além disso, são fotos que considero muito bonitas e direcionaram o meu olhar para a beleza da vida mesmo nas situações mais críticas, assim como descrito no poema.

Para além de apenas observar as fotografias da minha família para pensar na forma, direcionei meu olhar para a observação da vegetação nordestina, tanto do cerrado, quanto da caatinga. Em um dos meus registros do meu período em Maceió, por exemplo, é possível ver uma árvore típica da região, com cascas grossas, folhas pequenas, troncos retorcidos e raízes tuberosas, que possuem uma capacidade maior de armazenamento de água.

**Figura 10:** 20 de maio de 2018, Leonardo Lincoln



**Fonte:** Acervo pessoal

Tais características denunciam de forma muito poética as respostas adaptativas de sobrevivência ao meio em que vivem, visto que muitas delas nada mais são que verdadeiros mecanismos de defesa. As cascas grossas e retorcidas, por exemplo, funcionam quase que como armaduras, como se elas estivessem em constante batalha. E muitas vezes, elas realmente estão.

Chico Albuquerque (1917-2000) é um importante fotógrafo cearense e autor de registros verídicos muito bonitos que relacionam a paisagem nordestina com os seus trabalhadores. Além da vegetação retorcida, o registro das velas do Mucuripe me chamou muita atenção pelo potente poder sintético de comunicação visual das cordas na representação do trabalho humano.

**Figura 11:** Ensaios, 1939, Chico Albuquerque



**Fonte:** Disponível em: <<https://imagembrasilgaleria.com.br/fotografo/chico-albuquerque/>> Acesso em: 14 agosto de 2024.

**Figura 12:** Mucuripe, 1952, Chico Albuquerque



**Fonte:** Disponível em: <<https://imagembrasilgaleria.com.br/fotografo/chico-albuquerque/>> Acesso em: 14 agosto de 2024.

Note que às observações da natureza somou-se a busca por artistas nordestinos que pudessem me apresentar uma visão legítima sobre o Nordeste. Nesse sentido, Chico me apresentou uma potente visualidade verídica e factual, mas ainda era necessário desvelar artistas que me apresentassem um Nordeste desconhecido, e, de quebra, ainda dialogassem com a subjetividade da dança proposta por Isadora e com a universalidade dos sentimentos humanos que o texto evoca. Era necessário causar um distanciamento da imagem convencional nordestina sem fugir da ambientação geográfica verídica do texto.

Com, fui muito feliz encontrando o maranhense Thiago Martins de Melo que era totalmente alheio ao meu repertório visual. Esse contato, por ter sido um primeiro, agregou ainda mais distanciamento à percepção que fui desenvolvendo de suas obras e aumentando ainda mais o meu interesse por elas.

**Figura 13:** “Teatro Nagô-Cartesiano: A Encantaria entre o Atlântico e o mangue é o caminho do Cavaleiro de Espadas”, 2015, Thiago Martins de Melo



**Fonte:** Disponível em:  
<[https://www.thiagomartinsdemelo.com.br/\\_files/ugd/94b7eb\\_5ab2f9b686b742ffb41852a1f7a6a4b7.pdf/](https://www.thiagomartinsdemelo.com.br/_files/ugd/94b7eb_5ab2f9b686b742ffb41852a1f7a6a4b7.pdf/)>  
Acesso em: 14 agosto de 2024.



Thiago é artista visual contemporâneo, nascido em 1981, que trabalha com gravura, instalação, animação, escultura, pintura e ainda é mestre em Psicologia. Suas obras são densas, carregadas de cores e elementos, trazendo uma epifania e mistura de possibilidades de entendimentos que viabilizam diálogos muito pertinentes com o que eu buscava.

Num primeiro ponto, é preciso destacar as doses de comunicação objetiva que são jogadas por esse artista dentro do mar de subjetividade que existe em suas obras. Thiago traz para a narrativa de seus quadros, por exemplo, imagens relacionadas à política e economia global, como as lutas anticoloniais, as dinâmicas econômicas e as mudanças da classe trabalhadora.

**Figura 14** - “Ouroboros Sucuri”, 2021, Thiago Martins de Melo



**Fonte:** Disponível em: < <https://www.premiopipa.com/2021/10/ouroboros-sucuri-a-simbologia-da-serpente-e-mais-na-individual-de-thiago-martins-de-melo/> > Acesso em: 14 de agosto de 2024.

João Cabral de Melo Neto, por sua vez, faz algo muito similar em Morte e Vida Severina. Ele aponta objetivamente para problemáticas do contexto sócio político brasileiro de sua época, como a migração nordestina, o êxodo rural, a fome e a seca, em meio à potente conotatividade de seu poema.

Num segundo ponto, observo que as obras de Thiago apresentam um lugar ou estado imaginário que foge às expectativas do nosso entendimento, produzindo uma sensação de sonho ou transe. Tal circunstância impede que a nossa percepção se situe geograficamente, muito próximo ao que acontece quando sonhamos e não nos lembramos de onde estamos.

**Figura 15** - “Exu Force Power”, 2012, Thiago Martins de Melo



Fonte: Disponível em: <[https://www.pipaprize.com/pag/artists/thiago-martins-mello/baixa\\_thiogomartinsdemelo\\_exuforcepower/](https://www.pipaprize.com/pag/artists/thiago-martins-mello/baixa_thiogomartinsdemelo_exuforcepower/)> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

Mais uma semelhança com o poeta, que produz algo muito parecido com a transe religiosa da lírica de seu poema e os sentimentos universais que são despertados por ela. Tanto o artista quanto o autor, dentro dessa percepção, acabam desenhando a

cosmovisão de um não lugar: um estado emocional que não está vivo, e nem morto. Um lugar entre a vida e a morte: um entre.

**Figura 15** - “O ninguém usa o gdhelmetecegapolifemo sob o auxílio de iemanja”, 2012, Thiago Martins de Melo



**Fonte:** Disponível em: <[https://www.pipaprise.com/pag/artists/thiago-martins-mello/baixa\\_thiogomartinsdemelo-oninguemusaogdhelmetecegapolifemosoboauxiliodeiemanja/](https://www.pipaprise.com/pag/artists/thiago-martins-mello/baixa_thiogomartinsdemelo-oninguemusaogdhelmetecegapolifemosoboauxiliodeiemanja/)> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

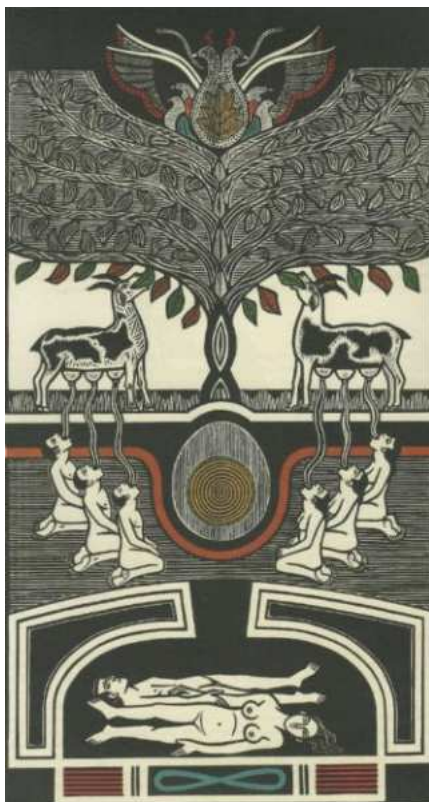
Dito isso, é impossível negar que Thiago tenha me ajudado contundentemente na materialização da universalidade evocada pelo texto, além de contribuir de forma decisiva para o encontro de um lugar alternativo e não convencional que ambientasse minha proposta. Mas, e a partir dele, outras obras e artistas que me despertam a mesma

compreensão, também acabaram surgindo de forma corroborativa ao desenvolvimento dessa visualidade.

O recifense Gilvan Samico (1928-2013), por exemplo, chegou ao meu conhecimento a partir de uma sugestão da orientadora de Isadora. Conhecido como pai da xilogravura brasileira, Samico representou a nossa cultura popular com força expressiva e exatidão técnica.

À primeira vista, a gravura “A Arvore da Vida e o Infinito Azul” roubou minha atenção pelos galhos retorcidos e representação do tronco da árvore com o uso de tranças. Mas o que observo mesmo nessa imagem é a sua visualidade surpreendente, produto da organização de figuras objetivas que se unem de uma maneira improvável e inabitual para nos comunicar a subjetividade de sua reorganização.

**Figura 15** - “A Árvore da Vida e o Infinito Azul”, 2006, Gilvan Samico



**Fonte:** Disponível em: < <https://artsoul.com.br/obras/a-arvore-da-vida-e-o-infinito-azul-5/>> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

O artesanato alagoano em madeira da Ilha do Ferro, por sua vez, me surgiu através de uma sugestão da orientadora e me desperta essa mesma linha de entendimento e observação. Polo da cultura popular do Nordeste, o vilarejo da Ilha do Ferro tem técnicas de trançado em madeira que se apropriam artisticamente dos retorcimentos da vegetação nativa, produzindo uma visualidade incomum e igualmente encantadora.

**Figura 16:** Artesanato da Ilha do Ferro



**Fonte:** Itawi Albuquerque, Disponível em: <<https://projetoalagoas.com/o-imaginario-popular-da-ilha-do-ferro/>> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

A objetividade desse artesanato está em não esconder a simplicidade do que ele realmente é, a sobreposição de madeiras trançadas que ocasiona a subjetividade que surge em seguida, como resultado disso, despertando em mim o mesmo sentimento de desorientação, transe e sonho citado há pouco. A marcenaria do vilarejo da Ilha do Ferro

também evidencia a riqueza tecnológica de uma sabedoria tradicional da região, evidenciando a antítese poética de um cenário rico num ambiente muito pobre.

Cícero Alves dos Santos, nascido em 1947, é um escultor sergipano que trabalha com um tipo de artesanato muito similar. Ele também se apropria artisticamente das características naturais da vegetação para produzir esculturas muito bonitas que se assemelham ao artesanato da Ilha do Ferro em termos de comunicação objetiva e a produção de subjetividade por consequência.

**Figura 17:** “Os Gêmeos”, Cícero Alves dos Santos



**Fonte:** Disponível em: < <https://galeriaestacao.com.br/pt-br/exposicao/obra/4058/76/>> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

Encontrei sua obra acidentalmente, observando fotos de exposições de uma galeria de arte de São Luís do Maranhão. Em uma dessas fotos, a obra de Cícero foi exposta pela curadoria frontalmente à um dos quadros de Thiago, e logo percebi a relação narrativa entre ambos que poderia ser muito pertinente para minha proposta.

Apesar de ter investido tempo na descoberta de artistas alheios ao meu repertório que pudessem me ajudar a encontrar uma visualidade não convencional, não poderia fugir das referências históricas tradicionais, como “Os Retirantes”, pintado por Candido Portinari em 1944. Em minha observação dessa obra, pude perceber que as figuras são representadas quase que com desenhos anatômicos, numa tentativa clara de comunicação da magreza desses personagens, imagino eu. Os músculos estão contornados com linhas grossas que se entrelaçam.

**Figura 18:** “Os Retirantes”, 1944, Candido Portinari



**Fonte:** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/retirantes-candido-portinari/>> Acesso em: 14 de agosto de 2024



De primeiro momento, eu havia virado as costas para o quadro, num receio de que ele dialogasse mais com os estereótipos convencionais do que com a busca de uma visualidade incomum. Mas após uma observação menos superficial, passei a acreditar que Candido Portinari não estava retratando o Nordeste em si, na verdade acredito agora que talvez ele estivesse retratando lugar nenhum. O mesmo lugar que eu estava buscando.

Apesar de no quadro haver uma parte objetiva muito importante, como no próprio título dele, há também uma sobreposição de camadas subjetivas que comunicam muito além daquilo que é apenas denotativo. “Os Retirantes”, assim como observado nas referências anteriores, provoca uma sensação desconfigurada da realidade, que contribui fundamentalmente na construção de uma dimensão paranormal que pode representar, sem muito esforço, um lugar entre a morte e a vida. O entre.

Sebastião Salgado, fotógrafo mineiro, é outra referência tradicional da qual eu não poderia fugir. Sua exposição “Exôdos” é fruto de viagens realizadas durante o período de seis anos por mais de 40 países. Como resultado de seus deslocamentos, Salgado capturou através do clique da sua câmera as questões políticas, sociais e econômicas ao retratar a história de pessoas que foram obrigadas a deixar a terra natal.

**Figura 19:** “Mahalaxmi Dhobi Ghat clothes-washing center, Bombay (Mumbai), India, 1995, Sebastião Salgado

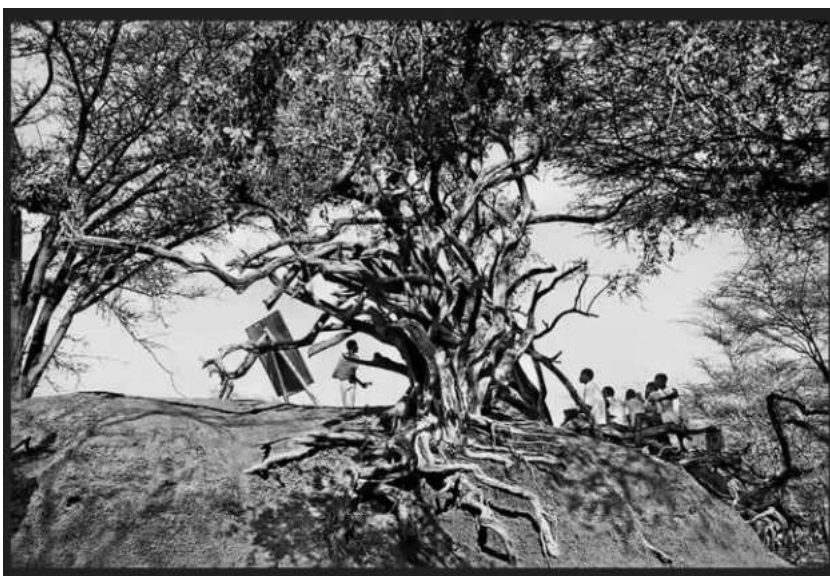


**Fonte:** Disponível em: <<https://ocula.com/art-galleries/sundaram-tagore/artworks/sebastiao-salgado/mahalaxmi-dhobi-ghat-clothes-washing-center-b/>> Acesso em: 14 de agosto de 2024

Segundo o fotógrafo, “mais do que nunca, sinto que a raça humana é somente uma. Há diferenças de cores, línguas, culturas e oportunidades, mas os sentimentos e reações das pessoas são semelhantes”. É exatamente esse sentimento de uma identidade planetária, na qual todos estamos conectados, que permeia o pensamento da exposição e complementa, em forma de legenda, o que a fotografia constrói, como imagem.

Essa referência se relaciona perfeitamente com a diretriz de Isadora de ressaltar a universalidade dos sentimentos evocados pelo poema, ao representar com excelência a característica comum humana de estar sempre em vigília por condições melhores para si e para os seus. Uma das fotografias mais simbólicas, em minha observação, é a que registra uma escola para jovens que escaparam do recrutamento forçado no sul do Sudão, no campo de refugiados em Kakuma, Norte do Quênia, em 1993. Há uma grande árvore ao centro e os refugiados se sentam à sombra dela para apreender o conhecimento que está sendo transmitido.

**Figura 20:** “93-7-85-15: Kakuma, Norte do Quênia, 1993, Sebastião Salgado”



**Fonte:** Disponível em: < <https://revistavislun.com/colunas/alex-varela/imagens-da-humanidade-em-desencanto/> Acesso em: 14 de agosto de 2024

Acredito que a sobreposição da fotografia de diferentes lugares que dividem um mesmo sentimento resulta numa ambientação que nasce a partir dele. A alternância geográfica acaba se tornando quase que imperceptível se observar o conteúdo emocional em comum, produzindo uma ligeira sensação de que todas retratem uma mesma localidade.

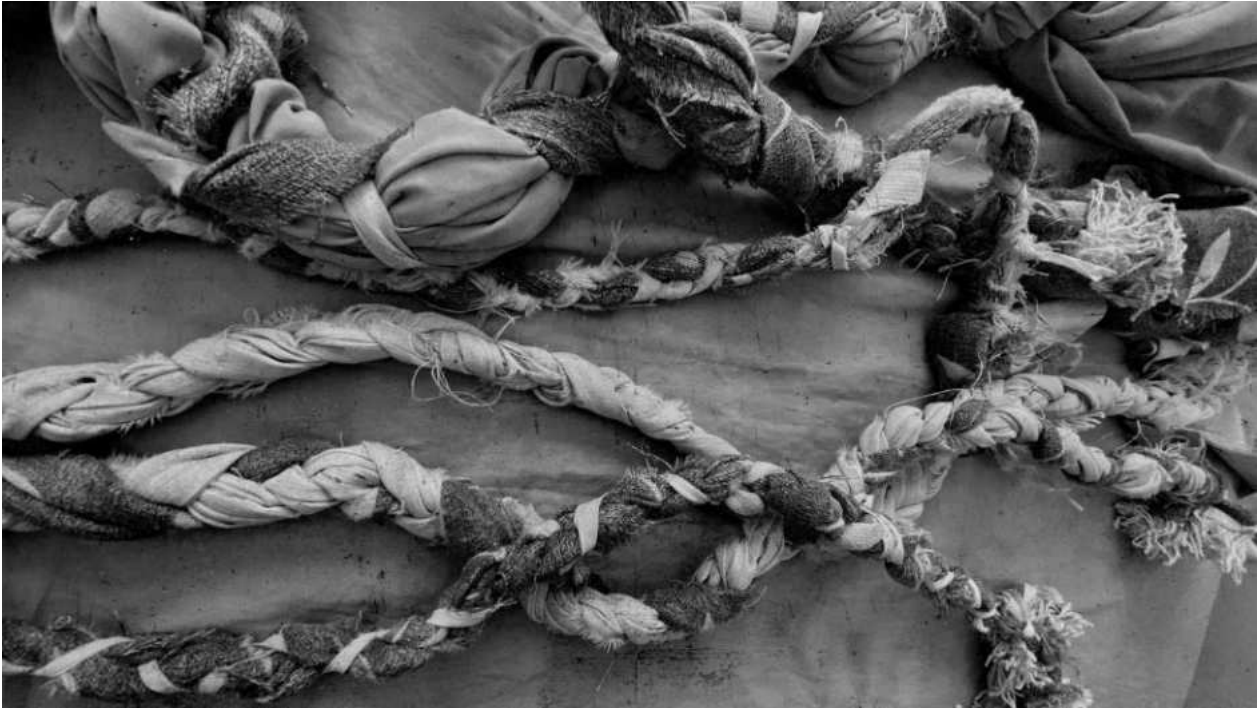
## **5. A FORMA**

A observação de todas essas referências está materializada na exploração de trançados e dos diferentes significados que eles poderiam aludir. Essas alusões se contrapõem em alguns casos, designando facilmente a antítese que resume o poema de Morte e Vida Severina. A trança pode representar, por exemplo, garra, força e vitalidade ao passo em que paralelamente pode remeter as vísceras de um estômago vazio, retorcido de fome.

Os nós que arrematam os trançados, por sua vez, poderiam designar sem muito esforço as dificuldades que são encontrados no percurso da migração ou um coração apertado de saudade. As correntes trançadas me ajudariam a aludir as emboscadas citadas no texto, mas também ao aprisionamento dos retirantes na realidade em que vivem ou ao aprisionamento afetivo dos laços familiares que são deixados à distância.

Essas são alusões possíveis que me envolveram no início do desenvolvimento da proposta, mas trata-se de alusões possíveis, não determinadas. Busco a transmissão de elementos primordiais para compreensão da peça ao público, que, por sua vez, está livre para completar os significados à sua maneira, enriquecendo ainda mais o processo.

**Figura 21:** Primeiros trançados

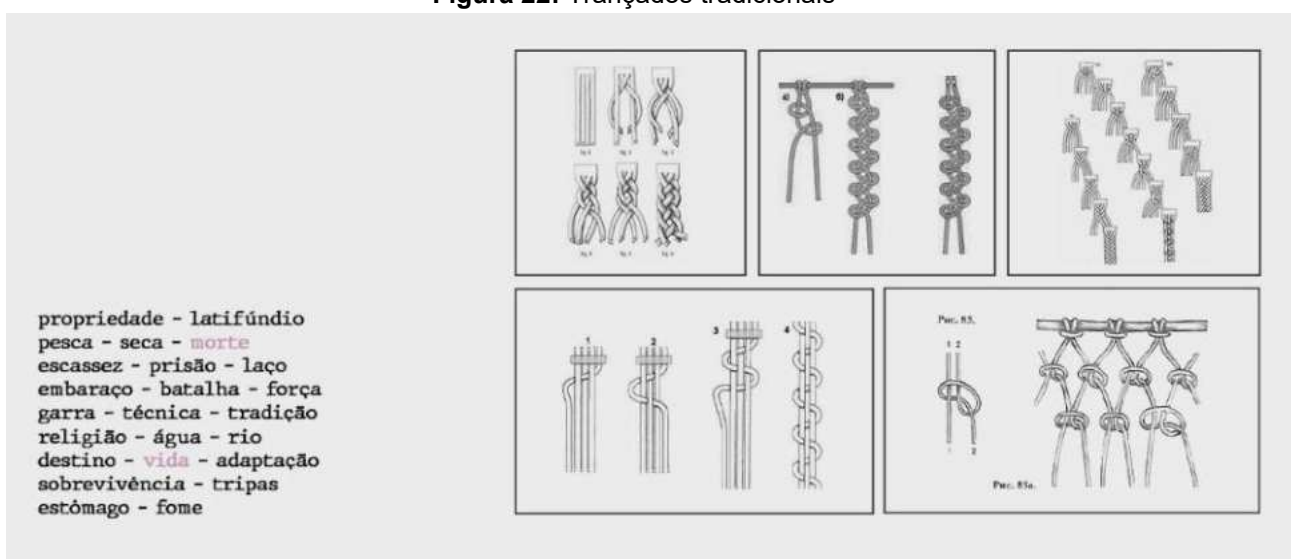


**Fonte:** Acervo pessoal

A ideia inicial era pensar num trançado que pudesse representar a espontaneidade da natureza retratada pela pintura de Thiago Martins de Melo e pela fotografia de Sebastião Salgado. Passei a imaginar as tranças como objetos de cena, que dependendo da forma como fossem carregadas, poderiam aludir a um bebê, a uma mochila, a uma trouxa de roupa, configurando um figurino mutável que pudesse se transformar de acordo com a necessidade da cena. Infelizmente, isso entrou na montagem final em apenas um momento ou outro.

Também busquei por técnicas tradicionais de trançado que pudessem dialogar de uma forma mais objetiva com algumas palavras do poema que haviam sido por mim decupadas inicialmente. Trouxe para minha composição um contato maior com essas técnicas ao julgar pertinente a evidência de sabedorias tradicionais.

**Figura 22:** Trançados tradicionais



**Fonte:** Compilado do autor com palavras decupadas do texto e tutoriais de técnicas tradicionais encontradas na internet.

## 6. O RESULTADO

Finalmente pude distribuir todo o repertório visual e técnico em cada personagem, procurando acentuar o contraste particular de cada um sem que a homogeneidade desejada fosse perdida.

**Figura 23:** Resultado



**Fonte:** Guga Almeida, 2024

Na caracterização do personagem interpretado por Estevão Bonotto, por exemplo, a ideia é se apropriar dos trançados em madeira do artesanato da Ilha do Ferro, o desenho anatômico de “Os Retirantes” e da figura de meu avô Severino. A lembrança de minha família também está na técnica estudada. A técnica proposta para simular a marcenaria é uma técnica que aprendi com minha mãe na infância, sendo basicamente tiras de jornal pintadas.

**Figura 24:** Ator Estevão Bonotto



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

**Figura 25:** Ator Estevão Bonotto

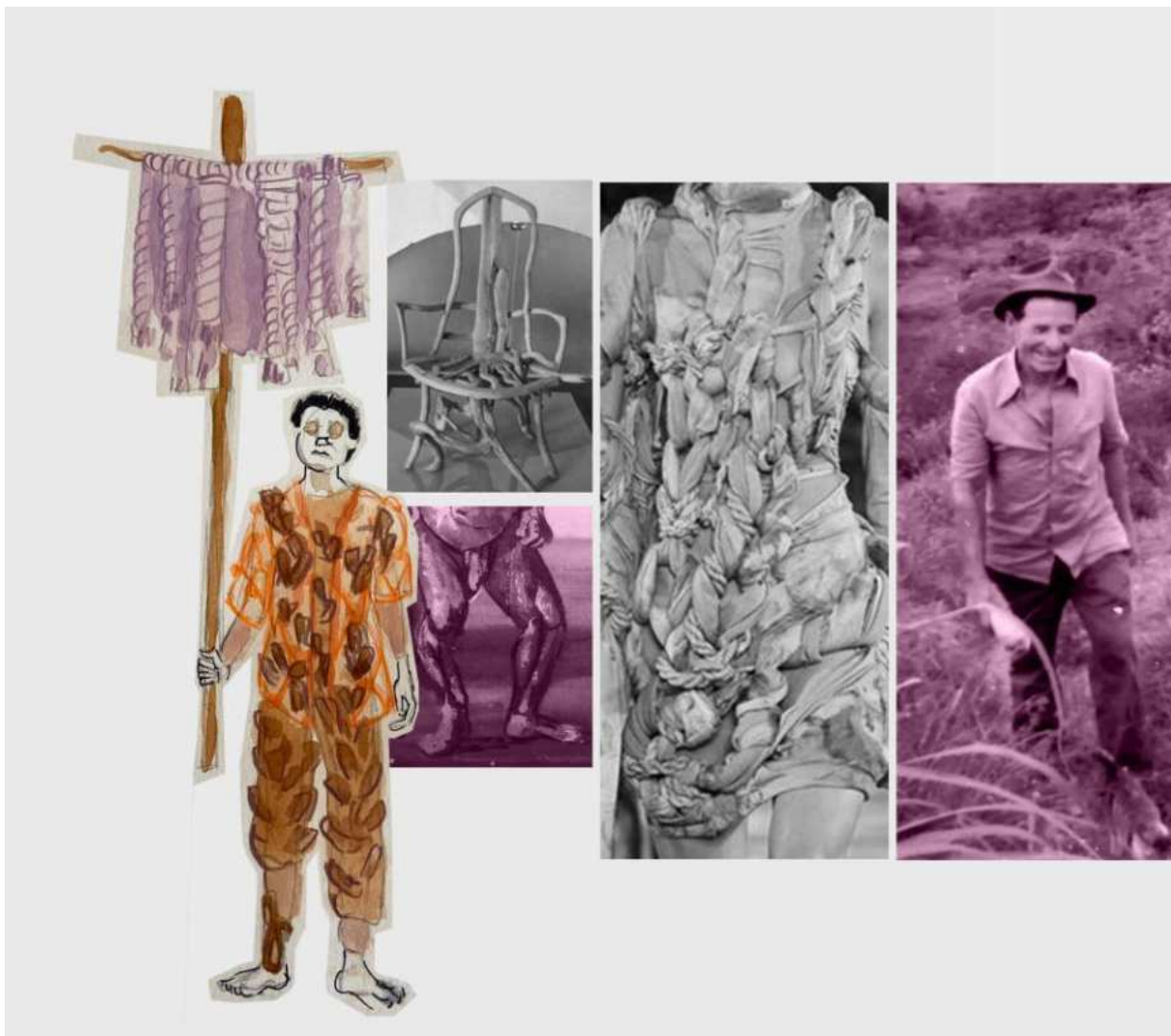


**Fonte:** Guga Almeida, 2024



O personagem interpretado por Luis Bozames, por sua vez, divide as mesmas referências com foco na proposta do cajado, representado por Portinari, mas personalizado num sentido religioso de cortejo, peregrinação.

**Figura 26:** Ator Luiz Bozames



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

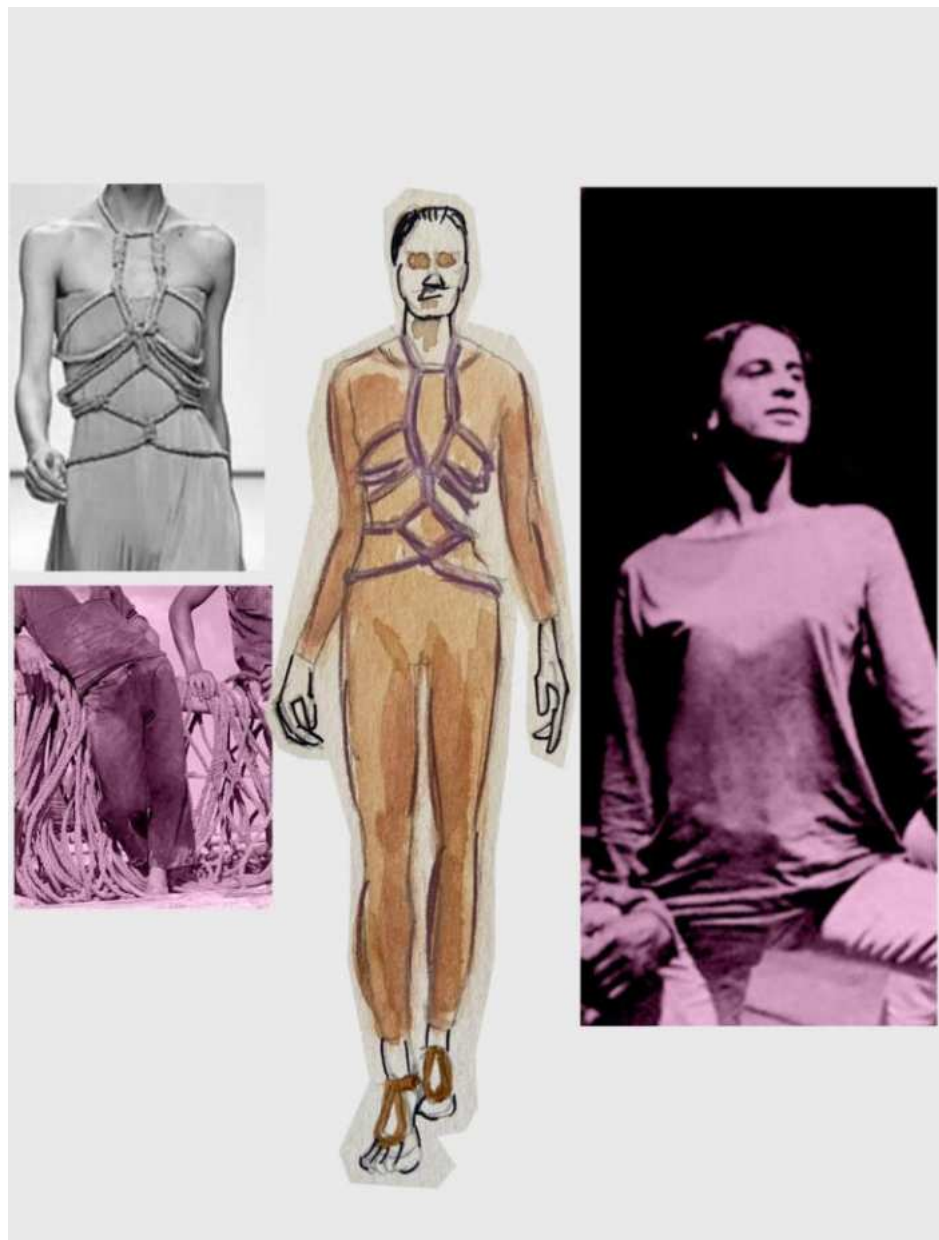
**Figura 27:** Luis Bozames



**Fonte:** Guga Almeida, 2024

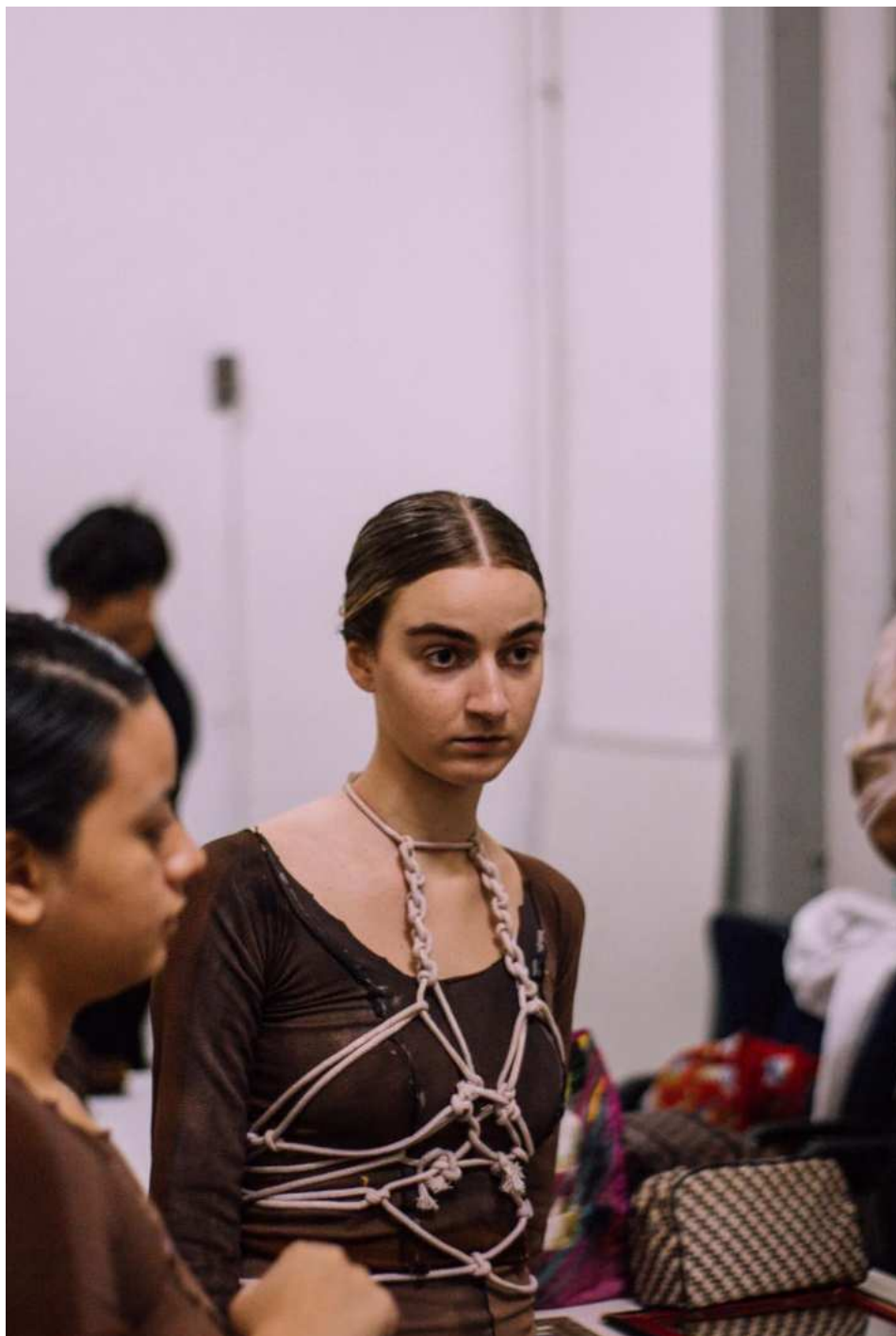
Já a personagem que é interpretada por Ana Clara Paniz possui como referência principal o registro de Chico Albuquerque das velas do Mucuripe e uma caracterização que se assemelha a Maria Bethania em sua interpretação histórica de “Carcará” no festival opinião 65.

**Figura 28:** Atriz Ana Clara Paniz



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

**Figura 29:** Atriz Ana Clara Paniz



**Fonte:** Guga Almeida, 2024

A figura interpretada por Narita se relaciona diretamente com os Retirantes e um registro de minha avó Odília em que ela carrega um de meus tios no colo e traja um vestido típico da virada da década de 50 pra 60. A ideia é que o bebê que é carregado por ambas as figuras seja representado pelo uso de uma trouxa trançada.

**Figura 30:** Atriz Narita



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

**Figura 31:** Atriz Narita



**Fonte:** Guga Almeida, 2024

Para a atriz Clarice Pitanga optei por uma silhueta que pudesse causar uma sensação religiosa e tiras trançadas verticalmente que pudessem se movimentar junto de sua dança e recriar os embaraçamentos da obra de Thiago.

**Figura 32:** Atriz Clarice Pitanga



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

**Figura 33:** Clarice Pitanga



**Fonte:** Guga Almeida, 2024



Nica Daniel é a pessoa que interpreta tanto um personagem masculino quanto a potente figura da Mulher da Janela, uma das minhas favoritas da história. Minha ideia pra essa figura era utilizar os trançados a meu favor de uma forma que uma saia pudesse sair e entrar em cena rapidamente.

**Figura 34:** Ator Nica Daniel



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

**Figura 35:** Nica Daniel



**Fonte:** Guga Almeida, 2024

Por fim, a atriz Manuela Panke que protagoniza o Funeral de um Lavrador recebeu a releitura do vestido de minha mãe, uma silhueta clássica dos anos 60 com acréscimo do babado característico da década de 70. A ideia é que a caracterização possa ressaltar a beleza da vida e a nostalgia da saudade.

**Figura 36:** Atriz Manuela Panke



**Fonte:** Compilado do croqui e referências visuais do autor

**Figura 37:** Atriz Manuela Panke



**Fonte:** Guga Almeida, 2024

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso destacar a entrega, a receptividade, e a competência ímpar do elenco na contribuição constante da execução da proposta. É muito bom se encontrar com atores que respeitam a delicadeza do processo criativo e abraçam de forma honrosa os experimentos que se propõe, permitindo com que más ideias só morram depois de realmente testadas e com que boas ideias sejam agraciadas pela simples possibilidade de existir.

Ressalto também a ótima parceria dialética que mantive com Isadora ao longo de todo o processo criativo. Foi uma relação amistosa de muita sinceridade, confiança, respeito e liberdade artística, características raras de se encontrar em outras direções e que com certeza estão evidentes na coerência do resultado final. Enfatizo, por fim, a objetividade e segurança de sua comunicação por não só ter possibilitado a contínua execução das ideias, como também contornaram com muita cordialidade discordâncias naturais que pudessem surgir no decorrer do processo.

O respeito, a atenção e o carinho da direção de Isadora estão presentes na unidade que se viu em todas as partes da montagem, entregando ao público um resultado muito conciso e coerente com a adaptação proposta. Destaco a excelente direção musical de Vitor Marques e Helena Ribeiro, que, com muita excelência, fizeram com que as músicas de Chico Buarque reverberassem e atingissem a dimensão perfeita para a cena.

Guga Almeida contribui essencialmente na eternização da efemeridade do teatro através da sensibilidade de seu olhar e de sua exatidão técnica. As imagens criadas são potencializadas pela sua força expressiva e delicadeza de seus registros.

Vinicius Souza e Stephanie Guimarães deram uma luz no momento em que eu mais precisava dela e foram fundamentais para o encontro do resultado final. Em alguns momentos nós só precisamos de amigos que entendam as dificuldades da área e que possam nos estender a mão. Eles foram esses amigos e serão eternamente lembrados nesse memorial.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

THIAGO Martins de Melo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa271621/thiago-martins-de-melo>. Acesso em: 07 de julho de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

GILVAN Samico. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10514/gilvan-samico>. Acesso em: 07 de julho de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CHICO Albuquerque. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22018/chico-albuquerque>. Acesso em: 07 de julho de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SIMONETTA Persichetti. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22018/chico-albuquerque>. Acesso em: 07 de julho de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SIMONETTA Persichetti. Estadão, 07 de Maio de 2017. Um mestre na arte de registrar o mundo. Disponível em: [www.pressreader.com/brazil/o-estado-de-s-paulo/20170507/282750586645000](http://www.pressreader.com/brazil/o-estado-de-s-paulo/20170507/282750586645000) Acesso em: 07 de Julho de 2024

RIBEIRO, Delfim Paulo. **As convenções dramáticas como instrumento estético-pedagógico**. 2011. 10 f., Instituto Piaget